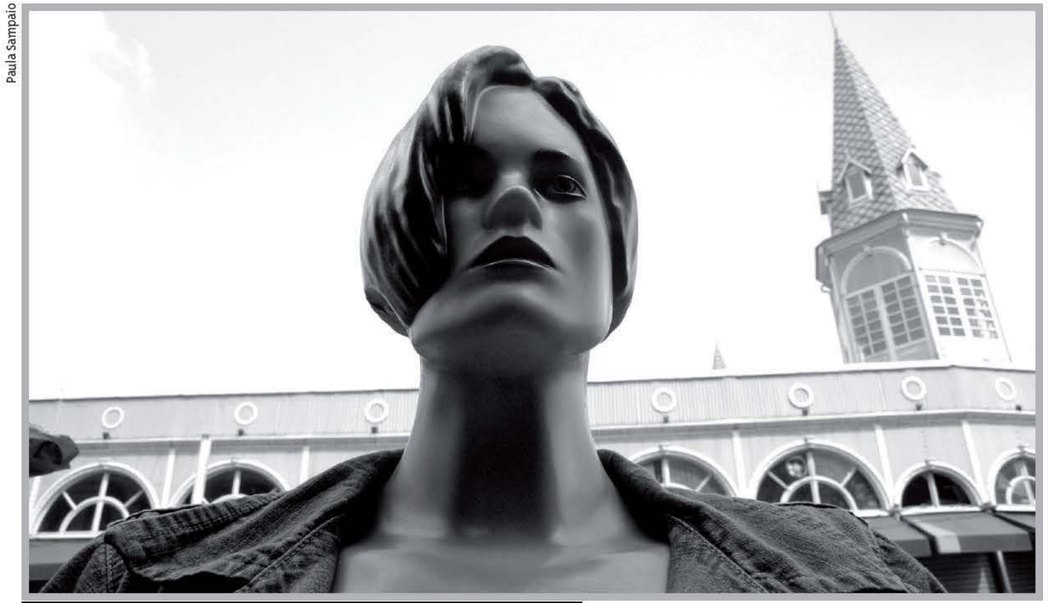
Paula Sampaio



SOMOS LIVRES

José, Tarcílio e Elói

"Vim passear e não voltei mais. Eu cheguei no Pará e não tinha emprego, aí um colega me convidou pra trabalhar com ele no Ver o Peso. Já comecei com confecção. A gente trabalhava dentro da lama, isso foi em 1959. Agora, tá tudo bem demais".

José Tancredo, 65, maranhense, vendedor de confecções.

"Fui criado aqui desde menino. Meu pai vende sandálias de couro e foi assim que criou os três filhos. Daqui o que eu mais gosto é da amizade, do calor humano e de conhecer gente do mundo todo. Já até aprendi umas palavras em outras línguas".

Tarcílio Aragão, 28, paraense, vendedor de calçados.

"Meu sogro trabalhou durante 50 anos aqui. Ele adoeceu e eu vim ajudar. Fui tomando gosto pelas coisas e, depois que Deus levou ele, fiquei. Vivo do meu trabalho, e se tem uma coisa que eu gosto é desse Ver-o-peso, aqui somos livres".

Elói Gomes, 39, paraense de Colares, vendedor de redes.

Antônio

"O Ver-o-peso é muito bom pra quem quer trabalhar. O cara chega aqui liso e vai pra casa dele com tudo. É só chegar cedo, tratar bem o freguês e ter bom humor. Se tem algum problema, deixa na sua casa. O importante é o freguês".

Antônio Silva, 54, paraense de Abaetetuba, vendedor de utensílios de alumínio.

Ribamar

"Vim pra cá por ser mais fácil encontrar trabalho, apesar de ser formado em Economia. Estou em busca do pão de cada dia, pensando no futuro das minhas filhas. Antes, nós trabalhávamos num Ver-o-peso desprezado, agora a gente vive melhor, trabalhamos num cartão postal do mundo. E a convivência e a cultura de gente de todas as partes fazem o nosso dia-a-dia ser rico de muitas experiências".

Ribamar Guterres, 49, paraense, vendedor de calçados.

É UMA NATUREZA SÓ!

"Tinha muita gente que vendia bicho aqui, mas depois foi proibido negociar macaco, papagaio, bichos da selva. Então só restou eu e um colega aqui do lado. Eu vendo pato, galinha, gaiolas, coelhos, porquinhos-da-índia. O que eu gosto mesmo é de mexer com bicho. Aprendi a vacinar, medicar, converso com eles. Conheço um bicho doente no

olhar. Por exemplo, o pato, quando tá doentinho, ele não é de demonstrar, a gente tem que olhar bem, aí percebe ele meio pálido. Os bichos são é muito inteligentes! E tem gente que tem cara de bicho e bicho que tem cara de gente. É uma natureza só".

Edinaldo Moreira, o Mucurinha, 40, paraense, feirante.

SÓ CAI NO ABISMO QUEM QUER

"Metade da vida passei aqui. Comprei a minha casa, criei minha filha e, o principal, construí minhas amizades. Todo mundo me conhece, do comércio ao Tribunal de Justiça. Aqui, só cai no abismo quem quer".

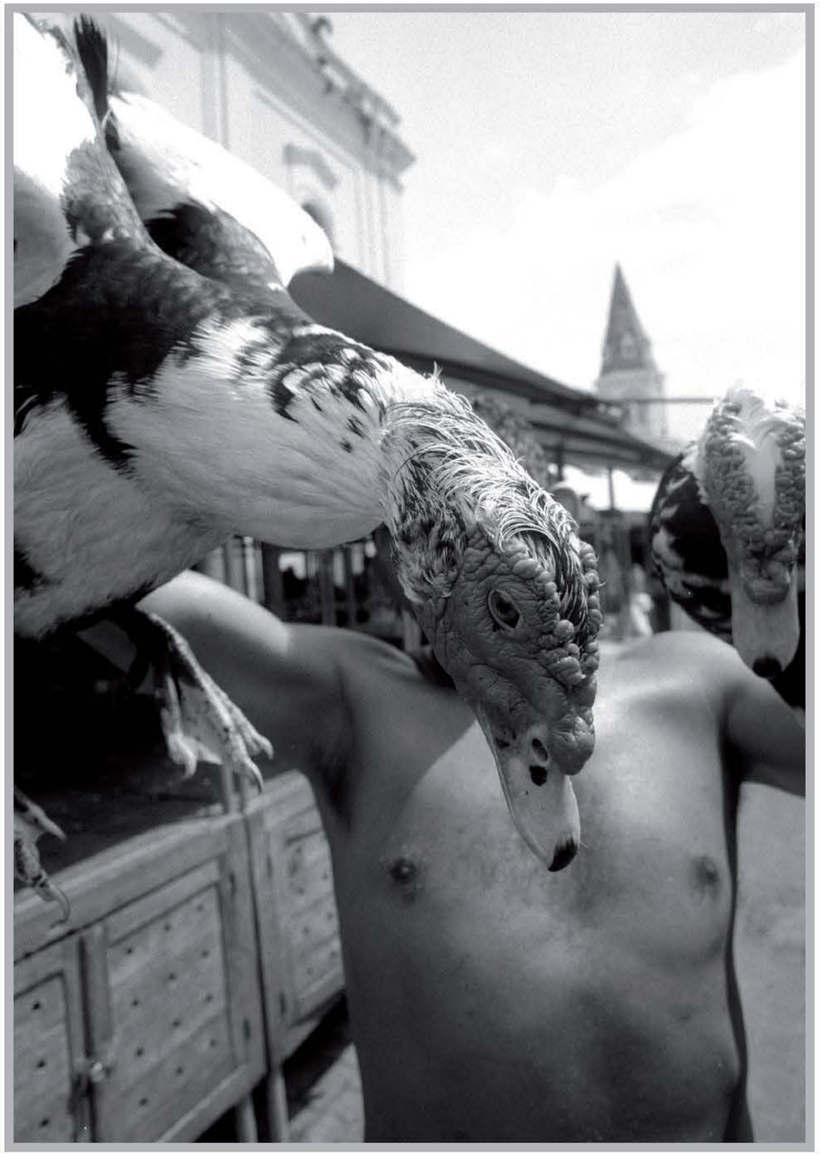
Lina Sanches, 61, paraense, vendedora de comida.

Este impresso foi editado como uma proposta de intervenção integrante do projeto de curadoria do 25º Salão Arte Pará, realizado na área do Complexo Ver-o-peso em setembro/outubro de 2006. · **Criação, execução e reportagens**: Paula Sampaio · **Projeto gráfico e editoração eletrônica**: Andrea Kellermann · **Edição e revisão**: Rose Silveira · **Impressão**: Delta Publicidade S/A · **Agradecimentos**: À comunidade do Ver-o-peso, pela cumplicidade na realização deste trabalho, confiando-me suas histórias e imagens; ao fotógrafo Miguel Chikaoka, pela oportunidade de começar este processo de intervenção através do projeto "Mulheres de peso"; à Fundação Romulo Maiorana, em especial a Roberta Maiorana; a Paulo Herkenhoff, curador do 25º Salão Arte Pará; a Adolfo Gomes, Alexandre Sequeira, Daniela Oliveira, Jarko Almuli, Jorge Laurent, Elizete Tavares, Makiko Akao e aos colegas do parque gráfico do jornal O Liberal. · Belém - Pará - Brasil.

ARTE PARÁ 2006
FOLHA DO VER-O-PESO

FOLHA DO VER-O-PESO

Paula Sampaio



"O peixe tem vários tipos de beleza".

João Batista, o Cara-de-bicho, peixeiro.

"Tem gente que tem cara de bicho e bicho que tem cara de gente. É uma natureza só".

Edivaldo, o Mucurinha, feirante.

"A erva é vida, ela respira igual à gente".

Deuzarina, a Deuza, erveira.

"Aqui somos conhecidos como *Os cachorros*, e é isso mesmo".

Edilson Tunas, o Lobão, açougueiro.

"Nós somos de raiz, temos aqui o que herdamos das nossas vovós, das nossas mamães. Então, para mim, o Ver-o-peso é pai, mãe, marido, é tudo.
Fico triste quando vejo alguma coisa ser destruída aqui, porque a cultura também é o passado, isso tem que ser preservado.
Lembro que, no tempo da minha mãe, aqui nesse setor a gente trabalhava nas maloquinhas, estilo indígena, eram só 15, todas com nome, a da mamãe era a "Brasília". Sonho com isso de volta.
Nossa grande luta agora é preservar esse passado, a nossa cultura, as nossas lembranças e o nosso dia-a-dia. Porque esse Ver-o-peso é uma lição de vida.
Aqui você conhece de tudo um pouco, os loucos, a polícia, os turistas e os artistas, até os da televisão.
E eu só gostaria que os nossos governantes nos dessem mais segurança pra apoiar o nosso consumidor e continuar a viver e trabalhar aqui com essas ervas que curam, que são vida, que são a nossa vida".

Deuzarina Corrêa, a Deuza, 51, paraense, erveira.

Sandra,Miraci, Zezinho e Deuza

Obra de Dona Cheirosinha para a intervenção ***Compartilhar***, do artista Jocatos.

"Eu vim pra cá mocinha. Cresci, casei e vivo até hoje desse meu serviço, que eu adoro. Fui criada no interior e aprendi a gostar da natureza e a tratar toda a família com as ervas, que servem para as doenças do corpo e da alma. Porque, afinal, de cada coisa Deus deixou um pouco no mundo, do bem e do mal, e é preciso aprender isso. Porque o importante é ter saúde e estar de bem com a vida. Tem gente que tem tudo, mas não tem o principal, que é o amor por si próprio, que faz a gente respeitar as outras pessoas e saber lutar no dia-a-dia".

Sandra Suely da Silva, 43, paraense de Igarapé-Miri.

NÓS SOMOS DE RAIZ

"É aconchegante trabalhar com muitas mulheres. As mulheres são mais atenciosas, mais carinhosas e isso é muito bom para os homens. Além disso, o ambiente em que a gente vive é o que a gente faz.
Comecei em 60, trabalhando com a minha mãe. Foi quando elegeram o Jânio Quadros, o "homem da vassoura", isso eu nunca esqueci. Eu era adolescente, o tempo passou e eu fiquei aqui. Construí um ambiente bom de trabalho".

José de Azevedo, 63, paraense, erveiro

"Trabalho na feira das ervas há 27 anos e fico feliz quando sei que alguma coisa que eu ensinei, um banho, um remédio, fez bem pra alguém. É gratificante. Aqui a gente chega com qualquer problema e sai renovada. Tem essa amizade, as relações que a gente estabelece com as pessoas, que contam seus problemas, a gente ajuda e se sente bem com isso. Não é só vender, é fazer isso com amor".

Miraci da Silva, 41, paraense, erveira.

Fotos Paula Sampaio

AQUI TEM DE UM TUDO

"Tem dez anos que trabalho na 'pedra'. Aqui a gente vende o peixe mais barato porque é no lote, não é no quilo, compramos direto do barco. E gosto de lidar com peixe, já nasci nesse ramo. Trabalho desde menino, comecei vendendo saco, cheiro-verde, camarão, lá na feira de São Brás. Trabalhava pra dar comida pra minha família; eles só comiam quando eu chegava, pareciam uns filhotes de pássaro. Era eu, minha mãe, meu pai e três irmãos. E eu ajudava na casa, porque meu pai trabalhava, mas só recebia por mês, e aí, sabe como é, comer, a gente come todo dia".

Armando Oliveira, 41, paraense, peixeiro.

"Isso aqui é uma universidade. Aqui se aprende de tudo e todas as classes são iguais. Tenho todo tipo de freguês: do doutor até o pessoal que vem do interior, gente boa, cada um com a sua cultura.
Olha, aqui compra comigo o Dr. Platilha, o Dr. Macedo, o dono da livraria Conte, aquele que é fotógrafo, o Ary, o pessoal que vem das ilhas, todo mundo.
Sei que vim pra cá com 14 anos, deixei meus estudos na oitava série e não quis mais saber de colégio, fiquei logo foi aqui, nessa universidade. E é gostosa essa vida no mercado, a gente é farrista... Aqui é minha casa".

Nilton Santos, o Grandão, 45, paraense, açougueiro.

A turma de amigos *Os Cachorros*

A CARNE É FORTE

"Nesse mercado, no início, era só italiano e português. Na década de 60 é que isso começou a mudar. Isso aqui era uma mina de dinheiro, porque naquele tempo só se vendia carne nos mercados municipais. Sabia que dizem que aqui foi uma senzala e que esse ferro todo veio da Inglaterra? Mas de lá pra cá teve muita reviravolta. Naquele tempo se trocava um quilo de carne por três ou quatro peixes grandes, porque boi era bicho difícil de criar e peixe era só jogar a tarrafa. A sorte é que o brasileiro é viciado em carne, porque é daqui que a gente tira o nosso sustento.
Agora é torcer pra essa reforma que o governo vive dizendo que vai fazer aqui sair do papel, porque tem anos que vem gente aqui a mando deles medindo tudo. Mas nada acontece, eles vêm de novo, tornam a medir. Aí eu digo: Pra que isso, meu filho? Ferro não encolhe, ora. E é isso. O fato é que aqui nós fazemos parte da história. Quem não tem passado, não tem presente. Ontem a eternidade já levou, amanhã não sei como será. Então, o presente é aqui, e a gente vive intensamente".

Pedro Jorge Cardoso, 58, paraense, açougueiro.

"O trabalho é assim: a gente chega cedo, às quatro da manhã, trabalha até uma da tarde; paga os atravessadores e daí sai pra tomar uma cervejinha. Às vezes tem uma confusãozinha, mas é rápido que passa, porque aqui não tem pobre nem rico, não tem diferença.
E isso é o dia-a-dia da gente. Só falta olharem mais pra gente, porque nós somos meio abandonados, e o governo precisa nos ajudar, para que a gente continue ajudando todo esse pessoal que atendemos aqui, principalmente os ribeirinhos. Eles não vão pra supermercado, não, nem têm cartão de crédito. Eles chegam de barquinho e vêm direto pra cá. Aqui a gente facilita, vende fiado, quando precisa, e assim vai de pai pra filho, eles precisam da gente e a gente deles.
E ainda tem o pessoal da periferia, que compra do tanto e do jeito que precisa.
E é isso: aqui tá todo mundo lutando".

Claudionor dos Santos, o Cabeça-de-porco, 39, paraense, açougueiro.

A MERCADORIA QUE FASCINA

"Vim pra cá porque meu irmão, que mexia com compra e venda, um dia conheceu o Ver-o-peso, gostou, comprou uma barraca e trouxe toda a família.
Nós somos de Turirana, município de Bacuri, no Maranhão. Mas, agora, lá só volto de férias, pra visitar o resto da família que ficou.
Sempre trabalhei com camarão e até hoje a gente embrulha no jornal, porque absorve o sal e conserva. Além disso, a gente ajuda aquelas pessoas que vivem da venda de jornal velho, que recolhem pela cidade e vendem pra gente por 20 centavos o quilo".

Válber Carreira, 38, maranhense, feirante.

Válber e Dionelson

"Emprego tá difícil. Na vida já fiz quase tudo: vendi cebola, tempero. Agora, tô no camarão há 20 anos. Vim pra cá com 12 anos, meu pai morreu e eu tive que trabalhar desde cedo; só fiz até a quinta série. E agora o que penso é em me aposentar, porque, com o tempo, tudo cansa".

Dionelson Saraiva, 52, paraense, feirante

"A farinha, a gente tem que saber a qualidade. Se conhece pelo olhar e pelo gosto. De cada lugar vem uma qualidade. Do rio vem a farinha d'água pura: de Genipaúba, Jacarequara, o pessoal vem de barquinho, atraca no cais. Da estrada vem a farinha seca: de Castanhal, Colônia 3 de Outubro, Americano.
Sabendo trabalhar, dá bom rendimento. Criei meus filhos trabalhando aqui; estão todos na universidade.
É isso: a farinha é minha vida. Armei minha casa, minha família com ela. Aqui chego cinco da manhã e saio cinco da tarde. Mas, apesar das dificuldades, está tudo bom.
Aqui tem gente que fica fascinada com a mercadoria, leva pro mundo inteiro. Vem gente de caravana. Trato todos com respeito e honestidade, sou sincero com o freguês e todo mundo volta".

José Serrão, 54, paraense, feirante.

"Eu trabalhava empregado, a situação não era muito boa, aí um amigo me convidou pra cá e aqui fiquei: 31 anos de serviço. Vivo do peixe.
O segredo é trabalhar bem, com carinho, com mercadoria boa e tratar bem o cliente, com delicadeza e honestidade.
Porque, sabe como é, o mundo tá aí cheio de 'tubarões', todos cuidando da sua própria vida".

André Oliveira, 57, paraense de Viseu.

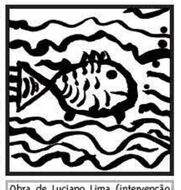
João e André

"Quando eu vim pra cá, com dez anos, a gente embrulhava o peixe na folha de guarumã, parece folha de bananeira, vem da mata. O pessoal das ilhas trazia pra gente. Depois pegava o jornal e enrolava, que era pra proteger do escorrimento do peixe. Esse método, usamos até lá pelo meio da década de 1990, foi quando nos obrigaram a usar sacolas de plástico. Sei lá, mas eu acho que isso é meio esquisito, esse monte de plástico, né?
Mas adoro vender peixe, foi o que aprendi. E o peixe tem vários tipos de beleza".

João Batista de Oliveira, o Carade-bicho, 58, paraense, peixeiro.

NADAR TAMBÉM É VOAR

"O Ver-o-peso? Não saberia encontrar uma palavra justa. É um lugar de sensações, de descobertas humanas, de sentidos que pulsam, de tudo que é familiar, mas que é novo sempre. E o que faço aqui é um exercício de construção coletiva do olhar, impregnado pela leitura de nossos sentidos, do cheiro, do som; é um reolhar com os nossos poros".



Obra de Luciano Lima (intervenção "Das águas, os peixes. Das águas", realizada por Miguel Chikaoka).

- E o sonho? Peixe é sonho?
"Meus sonhos se projetam para além da minha existência... Me imagino peixe, nadando por essas águas. Peixes são como pássaros. Nadar também é voar".

Miguel Chikaoka, paulista, fotógrafo-educador.

O ESTILO CHAMA O FREGUÊS

"Antigamente, todo dia a gente arrumava e desarrumava a barraca, era um trabalhão. Houve um tempo em que todo mundo guardava sua mercadoria ali no Hotel Ver-o-peso, até que um dia ele pegou fogo. Perdemos tudo. Aí a gente teve que se virar. Agora, não, tudo ficou mais fácil, armazenamos a mercadoria aqui na barraca mesmo. Numa época o cais arriou, ficou um tempão interditado, até vir a reforma. Foi aí que melhorou, porque antes era gente espalhada pela rua toda.
Hoje a concorrência é grande e o estilo da arrumação da barraca é o que chama o freguês, cada um tem seu jeito, poder ver cada barraca é diferente. E mesmo com todos os problemas eu gosto de trabalhar aqui, porque trabalho no dia e na hora em que eu quero. O resto do tempo, aproveito a vida: um bom futebol, a família e o papo com os amigos.É só isso? Tá tranqüilo, então, uma boa tarde pra você".

Raimundo da Conceição, 50, paraense de Belém, feirante

"Antes, se trabalhava aqui com velas, não tinha energia elétrica, era muito trabalho, eu me lembro. Mas cada tempo é um tempo, com as dificuldades e compensações. Mas, com tudo isso, sempre gostei daqui. Venho pra cá desde os meus seis anos, ajudava meus pais aqui. Estudei, tive outras opções, mas quis ficar no Ver-o-peso, por prazer. E tenho orgulho desse meu trabalho".

Luzimar Bentes, 38, paraense de Belém, feirante.

Luzimar e Raimundo